

O (NÃO) LUGAR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS NA EF ESCOLAR

O interesse e a investigação sobre o uso das TIC's como instrumento de ensino e aprendizagem, particularmente do smartphone, parte em primeiro plano e paradoxalmente dos entraves que esta tecnologia tem importado para a escola. Outro ponto de nosso interesse é o fato de ser uma das tecnologias mais disponíveis para alunos e professores da Educação Básica, dispositivo já apropriado por ambos os atores e com largo potencial de desenvolvimento de outras possibilidades através sobretudo dos aplicativos. Neste sentido, propomos uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), que analisa na própria atividade fim os motivos pelos quais há visão tão polarizada a seu respeito.

Um primeiro aspecto da discussão quer descartar a busca pelos lugares do "sim" e do "não" para as tecnologias digitais móveis. Não deve se tratar de uma simples aceitação, reificada, irrefletida, que as adota por serem sofisticadas, por estarem nas demais instâncias sociais, ou por qualquer outro encaminhamento que não seja a reflexão do seu potencial. Em outra análise, refutá-la, demonizando-a, assumindo posicionamento que atribui às telinhas os motivos pelos quais os jovens de hoje não aprendem, distancia-se do percurso que transita da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996).

Partindo da premissa de reflexão como condição para o uso das tecnologias digitais, e, mais particularmente do smartphone, nos é interessante situar a forma escolar como espaço que, em seu ensinar e aprender construiu linearidade, hierarquia, binômios como autor-leitor, que ao se depararem com as tecnologias digitais, colocam esta forma escolar em uma nova crise. Digo nova por ter concordância com Vincent, Lahire e Thin (2001) quando discutem a escola como possível espaço em permanente crise. As tecnologias digitais, rizomáticas, autorais, horizontalizante, acabam por reconfigurar relações de ensino aprendizagem e invadem as escolas, mesmo quando não autorizadas (alguns projetos de ensino sequer as convidam).

Outra ruptura com o modelo que vigora nas escolas brasileiras no que tange ao aprender e que está relacionada às tecnologias digitais diz respeito à multisensorialidade da informação. De acordo com Turcke (2010), a informação que se pretenda somente veiculadora de fatos tende a desaparecer. Em outras palavras, as tecnologias trazem no bojo uma avalanche de sensações que invadem os diversos canais sensoriais de seus adeptos, todas concorrendo por atenção. Neste sentido, as tecnologias digitais são ambíguas, ao permitir acesso a tantos estímulos de conhecimento, os mesmos estímulos dos quais o organismo humano precisa se proteger como condição vital (BENJAMIM, 1994).

Por outro lado (BETTI, 2003), nos lembra que a cultura jovem é cada vez mais audiovisual. Silva (2014, p. 80), mais arrojado diz que

A chamada "geração audiovisual" está em outra e a escola, se quiser atingir esse público, se quiser fazer com que ele se interesse pelos seus conteúdos, "ultrapassados", "enfadonhos", sem cor, forma e cheiro, "livresco", entre outras características "pré-históricas" que compõem a escola nos dias de hoje, precisa se adequar a esse novo tempo.

Procuraremos ao longo deste projeto de pesquisa, propor um lugar para as tecnologias digitais nas aulas de Educação Física, além de investigar, singularmente o uso do smartphone.

REFERÊNCIAS

- SILVA, W. A. *Tecnologia, educação física e o ensino do esporte*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2014. 157 p.
- BETTI, M. *Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas*. SP: Hucitec, 2003, 137 p.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2011.
- TURCKE, C. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a História e a Teoria da Forma Escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, nº 33, p. 07-47, jun. 2001. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n33/n33a02.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

